

**ALGUNS ASPECTOS DA QUESTÃO DO MAL NOS CONTOS
“A DIVERSÃO DE DEUS” E “A MESA DO SENHOR”
DE ALICE WALKER**

Clélia Reis Geha (UNICAP)

1) “A Diversão de Deus”

Era uma vez um menino que ia para longe todos os dias
E o primeiro objeto que encontrava, nesse objeto se
tornava,...
...e que agora vai, e sempre irá, para longe todos os dias.
Walt Whitman

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre alguns aspectos da questão do mal em dois contos da escritora afro-americana Alice Walker: “A Diversão de Deus” e “A Mesa do Senhor”, incluídos em *De Amor e Desespero: Histórias de Mulheres Negras* (1998), traduzidos respectivamente do original inglês “Entertaining God” e “The Welcome Table”, que integram a obra *In Love and Trouble: Stories of Black Women*, publicada originalmente em 1963.

Além de focalizarem o contexto afro-americano do sul dos Estados Unidos, os contos se destacam pela força do mal que percorre os dois textos de Walker. Ambos lidam com políticas de exclusão em sistemas repressivos relacionados a conceitos de gênero e raça numa sociedade pós-escravocrata.

É interessante observar como Walker revela o mal nas suas narrativas que desafiam a estrutura social afro-americana, ao apresentar três questões comuns recorrentes nesse contexto: os pais que abandonam ou ignoram os filhos, a discriminação racial e o conflito religioso, que representam aspectos do mal.

Não é por acaso que Walker divide “A Diversão de Deus” em três partes. Com isso, ela quer destacar o núcleo familiar representado pelo filho, pelo pai e pela mãe. A primeira parte é intitulada *John, o filho. Adorando o Deus que lhe foi dado*. Através de um narrador em terceira pessoa, a personagem central, John, um garoto de 15 anos, com a pele de um tom “excepcionalmente negro”, é, por um lado, vítima do preconceito racial de sua própria mãe, e, por outro, lhe impõe sua religião. Parecido com o pai, o menino “possuía todas as características físicas desprezadas no mundo ocidental, um negro puro e simples...”. (p. 106). Apesar de viver com o filho, a mãe de John o detestava pela semelhança com o pai.

Diante do sentimento de abandono, o garoto faz do isolar-se um prazeroso refúgio num zoológico ao se afeiçoar a um gorila enjaulado a ponto de considerá-lo um deus. Demonstrando ousadia, numa atitude arriscada, decide raptar o animal. Todo o tempo fala com o gorila que “ estava entorpecido pelos remédios que o pessoal do zoológico lhe dera e não respondia a não ser com um resmungo apático”. (p. 98). O garoto comete assim um ato de transgressão social sem avaliar as conseqüências. Nesse sentido, experimenta um duplo exílio ao deslocar-se do círculo familiar para sua própria aventura. Mas por esse ato ele paga com a vida.

A citação a seguir indica a ordem dos acontecimentos na vida de John e segue a lógica perversa daquele que procura realização afetiva e religiosa num animal: ... “o menino ajoelhou-se em adoração ainda murmurando contrito sua longa prece...” E em sucessivo: “Cheio de reverência, depôs a oferenda queimada aos pés do seu ídolo selvagem... (grifos adicionados). E para concluir: “E os pés do gorila imensos, poderosos e impacientes, foram a última coisa que viu antes de ser atirado desta selva violenta na direção do nada e de uma luz ofuscante” (p.103). que focaliza o momento em que o menino é atacado pelo animal.

A metáforização desses trechos, carregados de conotações religiosas e bíblicas, implica, ironicamente, na fruição de um prazer mesclado de ousadia e desespero de um garoto que elege um gorila como seu “deus”. A frase final, antiteticamente, revela uma carga de violência através da reação do gorila. Fica patente, assim, que o mal está presente na perigosa relação de proximidade entre seres humanos e animais.

Apesar de um contexto totalmente diferente, de tradições opostas, é pertinente fazer uma referência à escolha da epígrafe deste trabalho que traz alguns versos do poema de Walt Whitman e que, de certo modo, tem uma relação dialógica, com o deslocamento da personagem John: “Era uma vez um menino que ia para longe todos os dias/E o primeiro objeto que encontrava, nesse objeto se tornava,...” bem como o final do poema: “e sempre irá, para longe todos os dias.” (BLOOM, 2001, p. 79).

O tom desses versos de Whitman, que provoca uma sensação de estranhamento, serve para ilustrar, no conto de Walker, o mundo do menino, de Walker, de tal modo deslocado, que, por conseguinte, se identifica com o gorila. Esse processo de identificação de John com o animal é resultado de algo que lhe falta, no caso, a ausência de uma estrutura familiar. O menino do poema de Whitman também passa por uma experiência de deslocamento, porém diferente, uma vez que mergulha num mundo totalmente imaginário. A repetição do termo “longe” no verso final do poema, remete à idéia de fechamento do ciclo da vida.

Retomando o conto de Walker, a segunda parte é intitulada *A vida do pai de John, em outro lugar, terminando*, que se refere ao pai e sua segunda esposa. Pouco antes de serem atingidos e mortos por um ciclone, (um aspecto do mal dos fenômenos da natureza) colocam os dois filhos pequenos dentro da geladeira como forma de evitar que sucumbam. Minutos antes de morrer, o pai, em retrospectiva, vê rapidamente sua vida passada e sabe-se que, num espaço de dez anos, ele avistara, uma única vez, seu filho, já com quase quinze anos. Sua segunda esposa o tinha convencido a considerar John apenas como um número.

A mãe de John, à procura..., terceira e última parte do conto, consta de episódios de sua vida, destacando-se o fato de ela ter enveredado pelo campo da poesia após ter passado dois meses num sanatório por causa da morte do filho. O narrador a descreve como uma mulher de mais de quarenta anos “muito mais velha que os poetas negros

radicais” e de tornar-se conhecida “por ser categórica, ferina, surpreendente no que dizia, e por prejudicar os outros poetas de forma inocente e hilariante.” (p. 107).

Sabe-se também que “jamais comparecera a uma assembléia inter-racial em que fosse a única negra.” (p. 107). Nas suas apresentações públicas, tem visões do filho na platéia “sentado numa das fileiras mais distantes, diante dela.” (p. 109). Passa então a chamá-lo de Jomo: “E apesar de ele nunca responder, ele viria até o atril e ficaria esperando enquanto ela reunia suas anotações...” E, no final: “Ele então esperava que ela enxugasse as lágrimas. Depois, ele a acompanhava até a porta. (Ibid).

Pode-se inferir que apesar de sua discriminação racial contra o filho, um dos aspectos do mal, sua mãe o amava talvez só se dando conta disso após a perda. E ela também mergulha num mundo imaginário, pelas visões do filho morto. Suas incursões no campo da poesia talvez sejam um escape para sua solidão. Passarei à análise do próximo conto.

2) A mesa do Senhor

Para a irmã Clara Ward

Um dia desses
Vou me sentar à mesa do Senhor
E me queixar aos gritos
Vou caminhar ao lado de Jesus
E dizer a Deus como você me trata!

O segundo conto a ser analisado, “A Mesa do Senhor”, apresenta uma mulher negra idosa que vai em busca de refúgio numa igreja da comunidade branca, mas ao penetrar nesse recinto, é rejeitada e expulsa por todas as pessoas, a começar pelo padre até as mulheres. Esta atitude da congregação branca consubstancia uma forte carga do mal.

A crítica literária afro-americana Barbara Christian observa que “de acordo com o pensamento sulista, o Cristianismo é um sistema sobre o qual repousa a cultura com relação à definição do homem e da mulher.” E no centro desse sistema, prossegue, “está a imagem de Jesus.” (CHRISTIAN, (1997, p.44).

Nesse conto, ironicamente, a personagem sem nome rouba o retrato de um Jesus branco que pertencia a uma mulher branca para quem trabalhara. No entanto, ela não enxerga um Jesus humilde nessa imagem, mas, ao contrário, o vê como aquele que detém qualidades positivas tais como justiça e correção.

A epígrafe, um “spiritual” em prosa, de autoria da própria Walker, é dedicada a Clara Ward, uma das grandes cantoras negras de música gospel, e sintetiza o espírito da história. Apresenta uma mulher negra idosa, que ignora as convenções sociais do sul, transgredindo-as, ou seja, entrando num “espaço proibido”. Também nessa narrativa, o espaço religioso da igreja evoca os “spirituals” dos escravos.

A personagem se coloca acima das convenções sociais e ao ser expulsa da igreja branca, “vai caminhar ao lado de Jesus”, o que é antecipado pela epígrafe, (p.82) ratificando, assim, o forte espírito da mulher negra.

Essa personagem, de forte personalidade, poderia ser comparada àquela do poema de Maya Angelou “Our Grandmothers”, cujos versos são citados abaixo:

She searched God’s face.
Assured,

she placed her fire of service
 on the altar and though
 clothed in the finery of faith,
 when she appeared at the temple door,
 no sign welcomed/
 Black Grandmother. Enter here.”
 (ANGELOU, 1994, p.19).

É a imagem da avó negra que quebra as convenções e vai muito além das regras ocidentais ao persistir na sua fé inabalável, aproximando-se de um Jesus com quem imagina caminhar junto. E enquanto “caminha ao lado de Jesus”, a personagem de Walker vai denunciar o sofrimento que passou e dizer a ele como foi tratada. É sem dúvida outra referência à longa história da escravidão, ao Atlântico negro, às plantações nas fazendas do sul dos Estados Unidos. Apesar de todo o sofrimento enfrentado por essas avós “elas se levantam”. (ANGELOU, 1994, p. 19)

Pode-se inferir no conto de Walker, que essa mulher idosa deslocada experimentou os rigores de uma vida de sacrifícios e tudo suporta: “Ela era magra, angulosa e da cor da pobre terra cinzenta da Geórgia, assolada pelo rei algodão e pelos rigores do clima” (p. 83). Ao invés de um perfume de flores, ela cheira a “cascas de cebola e de verduras apodrecendo”. (p. 85).

O uso do pronome em terceira pessoa nos faz penetrar na mente da personagem e das pessoas que a agridem. Mas ninguém é capaz de demovê-la de sua fé e de sua busca para encontrar Jesus. Por isso ela não se constrange em transgredir as leis sociais de entrar numa igreja branca.

Um fato interessante a observar é a ausência de nomes tanto neste conto quanto em “A Diversão de Deus”. Apenas John, personagem central do primeiro conto possui um nome. Essa ausência de nomes conota, segundo Christian, “uma qualidade que é não apenas arquetípica, mas sulista”, tendo em vista “o contraste na maneira como a mulher negra idosa e a congregação branca se relacionam com as convenções do sul.” (CHRISTIAN, 1997, p.43).

Sua atitude ao buscar Deus entrando na igreja branca representa uma transgressão social e a comunidade religiosa a coloca para fora do recinto, um aspecto do mal. Essa mulher negra idosa, sem nome, é vista pela sociedade branca como “o outro” que está fora do seu mundo, totalmente deslocada. Em geral, para as religiões, não deve haver preconceito de cor, posição social ou outro qualquer. Mas não é o que acontece nessa história. Além disso, nas sociedades tradicionais, a figura do velho representava a sabedoria e transmitia os valores da ancestralidade. Era ele quem detinha a memória coletiva.

De maneira semelhante, na cultura afro-americana, as mães e as avós contavam histórias que eram transmitidas de geração em geração, seja pela transmissão oral, seja por suas escritoras afro-descendentes que perpetuam essas histórias ao recriá-las nas suas obras literárias, como é o caso da própria Walker, de Toni Morrison e de outras escritoras afro-americanas.

No entanto, nessa narrativa, além do preconceito racial, muitas vezes a sociedade atribui a pessoas idosas um estado de decrepitude e inutilidade, colocando-as em abrigos ou desprezando-as. O corpo da mulher negra idosa então se entrecruza com o histórico, o social e o político, produto de uma visão parcial discriminatória enraizada no cultural.

O racismo é tão forte nesses contos que distorce o relacionamento natural que deveria existir entre seres humanos e esquece o respeito que os jovens deveriam ter para com os velhos.

Vemos então que no primeiro conto, o mal está presente em duas instâncias, ou seja, tanto no que se refere aos fenômenos da natureza - o ciclone que devasta a cidade matando seres humanos -, quanto no que diz respeito ao mal moral através das atitudes negativas relacionadas com a ausência paterna e com a discriminação racial.

Já no segundo, pode-se observar que os aspectos do mal estão presentes no preconceito contra os velhos e também contra os negros. Os dois contos, portanto, têm um denominador comum. Ambos carregam elementos do mal moral e essa identificação nas duas narrativas s patenteiam o fato de que o mal é inerente à condição humana. E a leitura dessas histórias nos permite fruir a experiência estética.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. "To our grandmothers". In: **Phenomenal woman**: four poems celebrating women. New York: Random House, 1994.

CHRISTIAN, B. "The contrary women of Alice Walker: study of female protagonists in In love & trouble." In: **Black feminist criticism**. New York: Pergamon, 1980.

WALKER, Alice. **De amor e preconceito**: histórias de mulheres negras. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Of love & trouble**: Stories of Black women. New York: Harcourt, 2001.

_____. **In search of our mother's gardens**: womanist prose. New York: Hartcourt Brace, 1988.

WHITMAN, Walt. "Era uma vez um menino que ia para longe". In: BLOOM, Harold. **Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades**. Seleccionados por Harold Bloom. Tradução de José Antônio Arantes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Vol. 1).